



ETHOS LITERÁRIO DENTRO DA NARRATIVA DUCHARMIANA

Gisele Valle

Orientador: Arnaldo Rosa Vianna Neto

Mestranda

RESUMO: Este projeto foi concebido a partir dos estudos relativos à construção do discurso literário quebequense. Em nossa pesquisa relacionaremos o tema da identidade quebequense e sua busca para ancorar em terras americanas, sem negar a permanência da alteridade francesa na construção do discurso literário. Escolhemos como referência a obra *L'avalée des avalés*, do escritor Réjean Ducharme, na qual pretendemos abordar o olhar de uma criança, Bérénice Einberg, que irá se revoltar contra qualquer tipo de dominação e buscará o autoengendramento como forma de se recriar, rejeitando, assim, sua filiação, o controle social e religioso representado por seus pais. A Literatura quebequense de 1960 configurou-se como engendradora de uma memória coletiva e como parte constituinte de uma memória cultural e tem em Réjean Ducharme um de seus maiores promulgadores. Para esta análise serão convocados os autores Gérard Bouchard, Jocelyn Létourneau, Stuart Hall, Élisabeth Nardout-Lafarge, Régine Robin, Arnaldo Vianna Neto, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *ethos*, identidade, Bérénice

Em uma conjuntura marcada por tensões e caminhos a serem tomados após o processo pós-colonial, questões que evidenciam a identidade fragmentada do Quebec estão no centro de debates políticos acerca da ancoragem em solo americano e seus embates com o passado francês. O discurso identitário visa romper com a hegemonia da língua na qual o quebequense configura-se como uma extensão francesa em solo americano; as diferenças de registro da



língua (ritmo, expressões culturais, prosódia e etc.) e a literatura francesa como modelo a ser seguido são temas recorrentes na construção da narrativa quebequense. É nesse ambiente que nasce a necessidade de uma ressignificação identitária cujo discurso do autoengendramento, a partir de materiais díspares, fundamentado no paradigma do bastardo (o conceito de bastardo está ligado àquele desenvolvido por Gérard Bouchard em que o quebequense é o filho ilegítimo e renegado pela França), faz emergir uma elite pensante que visa relativizar o discurso da bastardia tornando o quebequense ator de sua história.

O momento histórico pelo qual passou o Quebec nos anos de 1960 foi importante para a busca de uma identidade social. O processo que teve início em meados do século XIX, quando colonos franceses começaram a construir um discurso ideológico para salvaguardar os direitos e os valores tradicionais franco-canadenses perante a fragilidade na América do Norte, culminou na Revolução Tranquila¹, um período de intenso progresso que, reformulou as estruturas sociais e éticas da época, atuando como “mito fundador” da sociedade civil mobilizando-a em prol da construção identitária quebequense. Segundo Vianna Neto (2006), a Revolução Tranquila, “tornou visíveis divisões e contradições internas com a instituição de novas referências culturais resultantes de uma reapropriação simbólica do passado”. A criação do Estado-província, assim como a reivindicação do termo quebequense (como gentílico em substituição ao termo franco-canadense), se configuraram como formas de engendramento identitário que buscavam romper com a ex-metrópole francesa e se firmar face à ameaça representada pelo Canadá anglófono e pelo neocolonialismo estadunidense.

Além das mudanças econômicas, sociais e políticas conquistadas nos anos 60, temos que ressaltar a revolução cultural, que foi de suma importância para o distanciamento da metrópole francesa. O rompimento com a Literatura do *terroir*², que remetia ao passado francês, o recomeço e a apropriação da americanidade como forma de reciclagem cultural, contribuíram para a construção do *ethos* quebequense. A memória coletiva, antes ligada à

¹ Revolução institucional e cultural que ocorreu na década de 1960 onde a sociedade civil se mobilizou em prol de uma transformação identitária em busca da legitimação do Estado quebequense.

² “A Literatura do *terroir* quebequense define-se como regionalista, da terra, do campo, rural, social. A posse do território, idealização da terra, a língua e o discurso religioso se constituem como referências ideológicas da estética do *terroir*, a qual se constrói sobre valores do *ethos* campesino, suas tradições, normas e modelos.” (ROSA VIANNA, 2014).

Literatura de manutenção colonialista, moveu-se para construir um futuro ao romper com o passado. Essa autoafirmação identitária que começou a ser expressa nas obras, refletiu uma mudança na desconstrução do arquétipo do *deuil de l'origine*³, configurada na metáfigura do bastardo, para a reivindicação e construção do *ethos* quebequense, passando do “paradigma da sobrevivência” a um paradigma “de emergente”, como pontuou Bouchard (2000). Se reconhecer como ator de sua história e não como mero coadjuvante foi uma mudança de postura que possibilitaria a construção identitária.

Dentro desse viés literário, um dos maiores defensores da liberdade e crítico a qualquer tipo de dominação e imposição foi o escritor quebequense Réjean Ducharme. Em suas obras, o escritor delegou voz a personagens que se rebelavam a qualquer tipo de controle cultural, social ou religioso; personagens complexos que buscam se desvencilhar do que lhes foi designado como destino, procurando uma identidade própria em meio a um turbilhão de sentimentos. Personagens transgressores, como Bérénice Einberg, que irá se rebelar contra a imposição religiosa de seus pais mostrando uma dura lucidez desde sua infância. Bérénice é um exemplo de excesso, expressão de uma angústia que a torna ao mesmo tempo “*avalée et avalante*”⁴. Ela deve recriar o seu mundo, seja por meio de uma nova Língua⁵ ou por uma metamorfose contínua que a transformará em sujeito e objeto de ressignificação

Essa necessidade de preenchimento, esse sentimento de incompletude, a asfixia pelo vazio, que nos leva a revolta contra o que foi estabelecido e que temos que lutar para nos mantermos acordados, mesmo que isso signifique dor física, são características de uma personagem que deseja ser a origem de sua vida. Bérénice é estrangeira dentro do grupo familiar e social, ela é um sujeito transgressor da norma, se configurando como figura *outsider*⁶ dentro da narrativa. Em *L'avalée des avalés*, encontraremos essa personagem de essência polêmica que refutará, com revolta, o destino que lhe foi designado:

On ne naît pas en naissant. On naît quelques années plus tard, quand on prend conscience d'être. Je suis née vers l'âge de cinq ans, si je m'en

³ “luto da origem” (ROBIN, 1993)

⁴ Engolida e engolidora

⁵ A protagonista criará o bérénicien, Língua inventada que, segundo Kenneth Meadwell (2006), é uma maneira de se afastar do mundo dos adultos.

⁶ Conforme Becker “ Quand un individu est supposé avoir transgressée une norme en vigueur, il peut se faire qu'il soit aperçu comme un type particulier d'individu, auquel on ne peut faire confiance pour vivre selon les normes sur lesquelles s'accorde le groupe. Cet individu est considéré comme étranger au groupe [outsider]. (1985 : 25)

souviens bien. Et naître à cet âge c'est naître trop tard, car à cet âge on a déjà un passé, l'âme a forme. [...] Quand je suis née, [...] j'étais quelqu'un : j'étais engagée au plus fort du fleuve qu'est un destin, au plus fort du courant que sont mes envies, mes rancunes, mes prochains et mes laideurs. (DUCHARME, 1966, p. 192 – 193)

Vemos que Bérénice foi determinada antes de vir ao mundo, mas que o seu nascimento só acontece quando a sua consciência emerge e, ao tomar consciência de si, ela toma as rédeas de sua vida, relativizando, assim, a importância de seus pais em sua existência. Para romper com isso, buscará incessantemente desconstruir o seu mundo para reconstruir o seu ser. A busca da personagem por sua “fundação” dialoga com a construção do discurso literário quebequense que reivindica a sua identidade a partir do rompimento com o patrimônio cultural francês e o ancoramento em solo americano.

Os paradigmas coloniais impostos como modelo estão presentes dentro do discurso identitário do Quebec e esse desenlace tem o seu nascimento com a Revolução Tranquila, na qual será contestada a hegemonia francesa face aos novos anseios do povo quebequense. A obra ducharmiana é considerada como fundadora do discurso literário quebequense, pois nela o autor dará voz a diversos personagens que irão refletir a sua condição e buscarão, como é o caso de Bérénice, reescrever sua história rompendo com os modelos instituídos. A busca pela independência identitária da personagem está presente a partir do seu despertar enquanto ser consciente, já esboçando a tentativa de afirmação expressa por uma agressiva visão niilista da sociedade:

Quand on vient de soi, on sait d'où l'on vient. Il faut tourner le dos au destin qui nous mène et nous en faire un autre. [...] Il faut se recréer, se remettre au monde. [...] On vient au monde comme des statue: quelque chose nous a faits et on n'a plus qu'à vivre comme on est fait. C'est facile. Je suis une statue qui travaille à se changer, qui se sculpte elle-même em quelque chose d'autre. Quand on s'est fait soi-même, on sait qui on est. (DUCHARME, 1966, p. 40 - 43)

De acordo com o historiador Jocelyn Létourneau, a Revolução Tranquila foi um passo importante para o pensamento coletivo quebequense, mas reproduziu, em algumas instâncias, uma memória herdada de inferioridade. O horizonte de ruptura com o passado, que parecia inalcançável, foi possível, mas sempre de fora para dentro, a partir do olhar do outro.

Construir seus horizontes e perspectivas como um outro e, por conseguinte, se tornar reconhecido por ele, se tornou quase que uma obsessão que, segundo o autor, é a referência que os quebequenses têm de si. Esse pensamento de inferioridade, que perdura ainda hoje, denota uma memória coletiva ligada ao fracasso. Létourneau se questiona se um dia será possível sair desse círculo vicioso, ou seja, de uma visão pós-colonizada da experiência quebequense. Questionamento este que ainda não foi possível responder. Para outros pensadores, como Gérard Bouchard, em contrapartida, a construção de uma identidade quebequense passaria por quatro processos: ruptura com a ex-metrópole; apropriação simbólica dos novos espaços; recomeço coletivo e emancipação política, (Bouchard, 1996).

No que tange à identidade, percebemos que ela é um processo que deveria ser pautado na diversidade, em um espaço neutro universal. Esta identidade compósita⁷ híbrida, “algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2015, p. 11) choca-se contra a ideia de algo estável e estático como se pensava ser a identidade. Para Stuart Hall, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencialista, mas móvel, transformada continuamente. De acordo com ele, existem três concepções diferentes de identidade relacionadas ao percurso do sujeito ao longo da história, a primeira é o sujeito do Iluminismo, que é um indivíduo centrado, racional, voltado para si, que emerge ao nascer e permanece o mesmo ao longo do seu desenvolvimento, de maneira idêntica. O segundo é o sujeito sociológico formado em relação aos outros e, portanto, possui uma identidade interativa de diálogo entre o “eu” (interno) e a sociedade (externa). Por último, temos a identidade do sujeito pós-moderno, cuja identidade é fluida, móvel, formada e transformada continuamente. Ele é definido historicamente e não biologicamente. Ele se caracteriza pela mudança e inconstância, aderindo a diversas identidades de acordo com o contexto. Segundo ele, as identidades que pertencem a um determinado mundo social estão em declínio, uma vez que a sociedade está em constante modificação, fazendo com que novas identidades apareçam:

A questão da “identidade” está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como

⁷ GLISSANT, 1996

parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e balançando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo. (HALL, 2015, p. 9).

Para Hall as identidades modernas estão deslocadas, uma vez que no final do século XX as mudanças foram tantas, que questões como “[...] paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2015, p. 10), que antes tínhamos como bases sólidas, estão se fragmentando. Ainda seguindo o seu pensamento, essas mudanças estão alterando nossas identidades pessoais, provocando uma descentramento do sujeito. Para colocar em evidência essa crise, ele evoca o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2015, p. 10).

Para Létourneau, a identidade quebequense foi baseada em clichês, sobre uma lembrança representativa de si e não dentro das perspectivas que distinguem os anglófonos (conquistadores) e quebequenses (conquistados). O discurso coletivo do Quebec deveria levar em consideração todo processo de diferenças que permearam a História franco-canadense cuja reificação dar-se-á quando o sujeito francófono se transformar em ator do presente e não mero representante do passado). Avaliar a memória e escolher no presente o que permanecerá do passado é um processo que permitirá novas soluções históricas e um possível refundamento enquanto nação soberana, utilizando a memória como um “[...] ‘trampolim’ e ‘fonte’ de desafio tendo como objetivo o futuro”⁸ (LÉTOURNEAU, 2000, p.22).

A Revolução Tranquila possibilitou a ruptura com o poder exercido pela Igreja e estabeleceu uma nova relação entre o povo do Quebec que reivindicou o patronímio quebequense para designá-los e, desta forma, se afastar da hifenização do canadense-francês que os estigmatizou durante anos. Completar os quatro processos propostos por Gérard Bouchard (ruptura, apropriação, recomeço e emancipação) ainda não foi possível, já que a emancipação política, apesar das tentativas com os referendos de separação do Canadá, não se efetivou. Para o sociólogo quebequense é preciso integrar todas as memórias que foram

⁸ LÉTOURNEAU, 2000, p.22



deixas de lado até o momento (demais francos-canadenses que não habitam o Quebec) em um grupo único formando assim um sujeito, cujo coeficiente étnico⁹ não seria tão presente e, desta maneira, surgiria o francófono norte-americano. A refundação identitária articulada à ancoragem francófona em solo norte-americano, proposta esta feita por Bouchard, seria o caminho para a ancoragem em solo americano, no entanto, segundo alguns pensadores, como Jocelyn Létourneau, é necessário deixar o lugar de vítima e de reparação de um passado cuja memória de perdas ainda está presente e enfim alcançar o futuro.

A década de 60 foi um momento em que as tensões se tornaram evidentes e o desejo por um Quebec livre ganhou força. A literatura como meio de manifestação cultural e social se nutriu dos fatos e utilizou a linguagem para revelá-los e romper com o *status quo*. Na metáfora literária, Ducharme faz emergir o jogo enunciativo no qual o autor ressalta o patrimônio cultural francês a partir de citações de inúmeros livros e autores. A linguagem, enquanto código semântico de comunicação e interação, atuou como fomentador de um discurso de inferiorização por parte dos francófonos canadenses que interiorizaram a pecha de que falavam mal a língua, que se expressavam como *coureur de bois*¹⁰. Ao se autorebatizarem de quebequenses, no lugar de canadense-francês, eles quebraram com o estigma imposto pelos anglófonos em busca de uma identidade própria, sem o peso do passado francês. Os textos ducharmianos refletem essa inconstância identitária, seja pela quebra canônica, seja pela busca identitária que visam o distanciamento da ex-metrópole. A enunciação ducharmiana se alimenta das perdas, fazendo emergir um sujeito solitário que vive segundo suas próprias regras. Em *L'avalée des avalés* o leitor é seduzido pelo vazio e, essa ausência, torna a leitura esmagadora e desafiadora

REFERÊNCIAS:

BOUCHARD, Gérard. *L'Avenir de la nation comme paradigme de la société québécoise*. In : FALL, Khadiyatoulah et al. (Orgs.). *Les convergences culturelles dans les sociétés pluriethniques*. Québec: Les Presses de l'Université du Québec, 1996.

⁹ Gérard Bouchard, *La nation québécoise au futur et au passé*, p.64.

¹⁰ Referência aos homens do século XVII que dialogavam com os ameríndios em busca de peles de animais.



_____. *Le Québec et le Canada comme collectivités neuves*. Equisses d'étude comparé. Montréal: L'Université Laval, 1998.

_____. *Genèse des nations et cultures du Nouveau Monde*. Québec: Boréal, 2001.

DUCHARME, Réjean. *L'Avalée des avalés*. Paris: Gallimard, 1966.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, 2015.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. *Se souvenir d'où l'on s'en va*. In : _____. *Passer à l'avenir. Histoire, mémoire, dans le Québec d'aujourd'hui*. Montréal: Boréal, 2000.

NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth. *Réjean Ducharme Une poétique du débris*. Québec, 2004.

ROBIN, Régine. *Le deuil de l'origine: Une langue en trop, la langue en loins*. San Denis, 1993. Disponível em: http://www.herodote.net/De_la_Nouvelle_France_au_Quebec-synthese-465-97.php Acessado em: 8 de janeiro de 2016.

VIANNA, Arnaldo. La représentation de l'ethos underground et l'inscription de la pluralité dans l'oeuvre de Réjean Ducharme. In: *Relire la Révolution Tranquille. Montréal (Québec), Canada: Université McGill (Programme d'études sur le Québec). GLOBE – Revue internationale d'études québécoises*, v. 2, n. 1, 1999. (Revue indexée).

_____. Bastardos, Cyborgues e Desviantes das Américas: Metáforas do Corpo. In: PORTO, Maria Bernadette. (Org.). *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2004.

_____. Eu não falo fluente nenhuma língua. In: *Alea: Estudos neolatinos*. Rio de Janeiro: Ed. Contra capa, 2006.

_____. A figura do bastardo na obra de Réjean Ducharme. In: FIGUEIREDO, Eurídice e PORTO, Maria Bernadette. (Orgs.). *Figurações da Alteridade*. Niterói: EdUFF, 2007.

_____. *O paradigma do fracasso no discurso literário do Quebec: subversão cultural e política da autoridade discursiva na sociedade quebequense*, 2015.

_____. Representações da Literatura Canadense francófona no século XIX: L'esthétique du terroir. In: *Revista XIX Artes e técnica em transformação*, 2014. Disponível em: <https://vimeo.com/20894546> Acessado em: 9 de janeiro de 2016.